

ANTROPOLOGIA E A SUA PRÉ-HISTÓRIA

META

Apresentar cronologicamente os conteúdos do processo de construção da Antropologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar e compreender a importância dos pioneiros na construção da Antropologia.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecer os principais objetivos da Antropologia e, principalmente, o seu objeto de estudo; Conhecer e interpretar o conceito de homem total no âmbito da antropologia.



(Fonte: <http://sergivs.blogs.sapo.pt>).

INTRODUÇÃO

Retrospectiva

Reconstrução histórica de determinado fenômeno sócio-cultural;

Contemporâneas

Acontecimento histórico do presente ou de tempos próximos ao presente;

A preocupação principal nas duas primeiras aulas foi a de encaminhar o aluno ao conhecimento dos primeiros passos no processo de construção da antropologia: definição do conceito de antropologia; definição do objeto de estudo – o homem primitivo e depois o homem total. Espero que você esteja acompanhando e gostando das aulas e que esteja gostando, sobretudo, do conteúdo.

Nesta aula, utilizando ainda o conteúdo apresentado por LAPLAN-TINE (2000), farei uma **retrospectiva** dos passos da Antropologia quando ainda não era Antropologia. Isto é, levarei ao seu conhecimento as informações a respeito das primeiras tentativas mais **contemporâneas** de explicação sobre o homem, sem desprezar informações importantes construídas em períodos anteriores. O fundamental é que você possa compreender de que forma os pensadores construíram as suas teses a respeito do homem, sempre pensando essas teses como parte de um grande movimento em direção ao pensar antropológico.



(Fonte: <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br>).

ALTERIDADE

O homem sempre esteve preocupado em decifrar os enigmas da sua existência. Respostas mitológicas, filosóficas e religiosas foram sendo acumuladas ao longo da história. Mesmo que hoje a ciência considere que essas respostas estão defasadas ou simplesmente que não atendem aos critérios de cientificidade, é possível afirmar que foram momentos importantes e que contribuíram para pressionar o homem pela busca incessante das respostas ainda não construídas.

A partir do século XVI, com o movimento das Grandes Navegações – foi propocionada a descoberta de novos mundos e, por conseguinte, de novos povos. O homem europeu foi obrigado ao confronto visual, constatando uma profunda diferença entre eles e os habitantes dessas regiões. Os antropólogos, segundo LAPLANTINE (2000), chamariam essa constatação de confronto com a **alteridade**, ou seja, o outro é outro porque é diferente em relação ao que observa.

A pergunta colocada naquela oportunidade aos colonizadores foi a seguinte: “aqueles que acabaram de ser descobertos pertencem à humanidade?” (LAPLANTINE, 2000, p.37). A grande questão naquela oportunidade e até no século seguinte, fruto da avaliação etnocêntrica dos europeus, foi estabelecer o estatuto de humanidade do nativo dos novos mundos a partir dos preceitos religiosos: diziam os europeus que a definição de homem estava presa à existência ou não de alma. Se tiver alma é humano. Se não tem alma não é humano. Aqui, neste momento histórico, o nativo não era o homem primitivo do início da Antropologia e nem muito menos o homem total da sua fase posterior. O nativo dos colonizadores era tratado como **selvagem**.

No interior dessa discussão os colonizadores, mas também estudiosos e sacerdotes, construíram duas ideologias que se destacaram naquele período: a primeira tratava o nativo como bom e o civilizado como mau; e a segunda considerava o nativo como mau e o civilizado com bom. Ou, para ser bem fiel ao texto de (LAPLANTINE, 2000, p. 40-46), “a figura do bom selvagem e do mau civilizado; e a figura do mau selvagem e do bom civilizado.” Convido você, aluno ou aluna, ao entendimento dessas duas ideologias construídas no curso da colonização dos europeus, principalmente no Continente Americano.

No ardor das disputas, cada lado expôs os seus argumentos. Os que defendiam que o selvagem era bom, afirmavam, numa clara relação romântica com a natureza, que esses indivíduos eram bons porque estavam muito próximos do estado selvagem, portanto, veja você, consideravam que o homem nativo ainda não havia sido contaminado pelos males da civilização. Espero que o entendimento dessa relação esteja acontecendo: estar próximo da natureza significava ser bom em virtude das influências boas

Alteridade

A constatação da diferença entre povos.

Selvagem

Os nativos da América, mas também de outros continentes, foram tratados pelos colonizadores como selvagens porque eram considerados muito próximos dos animais.

recebidas; estar próximo da civilização significava ser mau em virtude da contaminação com as suas mazelas.

Por outro lado, diziam os defensores da ideologia do mau selvagem, que estes eram maus por não possuírem cultura, leis, religião, estado, moral, etc. Já o civilizado era bom exatamente porque possuía essas qualidades. É claro que as duas ideologias estavam completamente erradas. Mas por que elas estavam erradas? Você, lendo esta aula, deve estar se perguntando. Tentarei explicar os equívocos dessas duas visões.

Um ponto importante a ser destacado refere-se ao fato de as duas ideologias definirem os estados de bom ou de mau a partir da proximidade do nativo com a natureza; ou os estados de bom ou de mau a partir da proximidade do europeu com a civilização. Veja o seguinte: o nativo na primeira ideologia foi tratado como bom por estar muito próximo da natureza. Não foram as suas regras sociais, suas práticas culturais ou os seus conhecimentos tecnológicos que serviram para a definição de ser bom, mas apenas o grau de proximidade com a natureza. Por outro lado, o estado de ser mau também estava relacionado com a proximidade: o nativo é mau porque não tem cultura, não tem religião, não tem estado e até moral. E por que não tem todas essas características? Não tem por estar muito próximo à natureza, compartilhando, dessa forma, todas as práticas consideradas pelos europeus como assimiladas aos animais.

A partir das explicações acima se pode concluir que os defensores das duas ideologias naturalizavam o nativo, tornando-o um ser dependente dos benefícios ou malefícios que a natureza pudesse oferecer: mau e bom era o resultado da proximidade e das influências recebidas – positivas ou negativas.

É possível utilizar os mesmos argumentos para a definição dos estados de mau e de bom para o homem civilizado: a proximidade, segundo aqueles pensadores, causava influências negativas ou positivas. O civilizado era bom porque a civilização tinha oferecido qualidades especiais que o colocava em patamares de superioridade – religião, cultura, estado, ordem, lei, moral etc.. Enquanto do outro lado, o civilizado era tratado como mau porque essa mesma civilização o contaminara com as suas presumíveis mazelas.

Espero que você esteja compreendendo que o ter ou não ter cultura, religião, estado, lei, ordem e moral era fruto da visão etnocêntrica do europeu. Nessa visão, o europeu olhava para si mesmo e todo aquele que não correspondesse aos seus padrões, por terem práticas diferentes, era considerado como se não tivesse todas essas características. O etnocentrismo olha o outro e almeja que ele tenha as suas próprias características, como isso é impossível, o outro é percebido como desprovido de tudo.

Outro ponto importante, naquilo que eu estou chamando de pré-história da antropologia, são as narrativas escritas por viajantes, militares, sacerdotes e administradores, todas durante o período colonial, a respeito dos nativos dos novos mundos. Apresentarei essas informações para que você



(Fonte: www.bp0.blogspot.com).

possa, nas aulas seguintes, diferenciar a narrativa do homem comum para uma narrativa do pesquisador fundamentado em informações científicas.

Os narradores do período colonial não dispunham do aparato técnico-científico e nem estavam interessados nesse tipo de produção, portanto, os personagens e fatos apresentados eram o resultado das preocupações próximas dos seus cotidianos. Isto é, os sacerdotes estavam preocupados com os aspectos religiosos; os militares estavam preocupados com os aspectos militares e os interesses da metrópole; e os administradores também envolvidos com os interesses mais particulares. Todos, nessa perspectiva, trabalhavam os seus escritos muito mais preocupados com a relação do homem com a natureza do que propriamente com critérios que pudessem melhorar a qualidade da informação apresentada.

O volume dos relatos desses viajantes é significativo e representou uma contribuição importante na reconstituição histórica desses personagens, contudo, em virtude da ausência de critérios mais técnicos, os resultados precisam de cuidados especiais para sua utilização na preparação de trabalhos antropológicos.

Alguns exemplos podem ser apresentados para melhorar a sua compreensão: o religioso no contato com o nativo – é bom lembrar que nesse momento histórico, o colonial, esse nativo era tratado como selvagem – construiu uma gigantesca diversidade de narrativas, abordando todos os aspectos das suas vidas cotidianas. Contudo, a forma de construir a narrativa era marcadamente religiosa, tendo em vista que a preocupação era religiosa; o administrador ao fazer a narrativa sobre a vida dos nativos

estava preocupado com as dificuldades próprias da sua função, perdendo, conseqüentemente, aspectos fundamentais para boa análise da vida social e cultural desses povos.

Eu citei apenas dois exemplos, mas poderia ter citado muitos mais, para mostrar que os dados construídos pelos religiosos, militares, administradores e outros foram importantes, na medida em que apresentavam informações sociais e culturais dos povos nativos, mas limitados do ponto de vista da análise antropológica. Essas limitações só foram superadas, a partir do século XIX, com o surgimento da Antropologia e a construção do aparato teórico-metodológico necessários para as análises pretendidas.



Taicira: dança folclórica (Fonte: <http://www.overmundo.com.br>).



ATIVIDADES

É preciso lembrar e compreender:

1. Na pré-história da Antropologia o Movimento das Grandes Navegações foi importante? Qual a contribuição do Movimento das Grandes Navegações para a pré-história da Antropologia?
2. Explique a relação entre o contato do colonizador com o nativo do Novo Mundo e a construção das ideologias sobre o bom e o mau selvagem.
3. O contato do colonizador com o nativo gerou a figura dos viajantes (militares, religiosos, administradores) que escreveram a respeito das suas histórias. Explique por que essas histórias não tinham validade científica.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O Movimento das Grandes Navegações impulsionou as economias européias e fortaleceu politicamente essas nações. As descobertas obrigaram os europeus aos contatos, ou, pelo menos, a intensificação dos mesmos com nativos de cada região, favorecendo o aparecimento de conceituações e de ideologias, tais como, o conceito de selvagem, ao se referir aos nativos e, por conta dessa conceituação, a construção das ideologias que tratavam os nativos e europeus como bons ou como maus a partir da maior ou menor proximidade com os seus espaços geográficos.

CONCLUSÃO

A pré-história da Antropologia apresentada nesta aula desata alguns pontos importantes: primeiro, a colonização dos novos mundos intensificou o contato com a alteridade – diferença –, gerando debates e novas ideologias, ampliando as necessidades de busca para o pleno conhecimento do outro; segundo, o colonizador, o religioso, o militar, o administrador ou qualquer outro tipo de viajante foram importantes narradores dos cotidianos desses povos, contribuindo com informações da cultura e da sociedade; e, terceiro, mesmo considerando importantes essas narrativas, reconhece-se também a precariedade das mesmas do ponto de vista da validade científica.

RESUMO

Nesta aula foi possível perceber parte do caminho da construção da Antropologia chamada de Pré-história da Antropologia. O Movimento das Grandes Navegações e as descobertas dos novos mundos permitiram a intensificação do contato com povos diferentes, tratados pelos europeus como selvagens, porque havia a compreensão, naquela oportunidade, de que os nativos se assemelhavam aos animais e porque estavam muito próximos da natureza. O contato e a colonização geraram a construção de intenso debate, formador de duas ideologias: a do bom selvagem e do mau civilizado; e a do mau selvagem e do bom civilizado. A aula proporcionou ainda conhecer a importância daqueles que construíram narrativas importantes a respeito dos nativos, mesmo reconhecendo que essas narrativas eram desprovidas de fundamentação científica. Destaco, no entanto, que a caminhada está apenas no início, mas desafio você a intensificar o interesse pelas paisagens que ainda se apresentarão.





AUTOAVALIAÇÃO

Entendi os principais objetivos da Antropologia?
Sei definir o conceito de homem total?

REFERÊNCIA

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

MARCONI, Marina de Andrade ; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: Uma introdução**. São Paulo: Editora Atlas, 2001.